

A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM ESTUDO COMPREENDENDO O PAPEL DAS UNIVERSIDADES

Glauber Barros Alves Costa¹

Msndo/ UFS - glauberbarros@hotmail.com

Maria Inêz Oliveira Araujo²

Prof. DSc. DED/UFS - inez@ufs.br

Eixo temático: Formação de Professores: memórias e narrativas

RESUMO

O presente estudo, tem como objetivo analisar a formação em Educação Ambiental (EA) no Brasil, discorrendo sobre o que alguns estudiosos do tema afirmam em suas pesquisas sobre a Educação Ambiental no Brasil, desde o ensino até a pesquisa em EA, traçando dessa forma um paralelo sobre como o pensamento ambiental vai sofrendo influências a partir do movimento ambientalista e das conferências nacionais e internacionais, e como a EA aparece no ensino superior, primeiramente como ensino e posteriormente como pesquisa. O ensaio teórico proposto é uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfica, em que se buscou autores como, Sato (2003), Araújo (2004), Cascino (1998) entre outro que discutem a EA, em seus diversos campos no processo de formação existente nas universidades brasileiras.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Formação ambiental, Pesquisa

ABSTRACT

The present study aims at investigating training in Environmental Education (EE) in Brazil, discussing what some theoretical say the issue in their researches on environmental education in Brazil, from teaching to research in EE, this mapping form a parallel thinking about how environmental influences will suffer from some opportunities and conferences, and as the EA appears in higher education, first as education and later as research. The article presented here is a qualitative study of a literature in which authors sought as Sato (2003), Araujo (2004), Cascino (1998) among others argue that the EA, in their various fields in the formation process exists in Brazilian universities.

Keywords: Environmental Education, Training, Research

¹ Mestrando em Educação UFS e Professor da UESB, participante do GEPEASE/UFS, e do grupo Educação, meio ambiente e planejamento/UESB

² Orientadora, professora Dr^a do Mestrado Educação UFS, líder do GEPEASE/UFS

INTRODUÇÃO

Na sociedade moderna, o mundo vem passando por diversas transformações sociais, culturais e econômicas, que ocorrem por conta do avanço tecnológico numa rápida velocidade, nesse contexto a educação desempenha um importante papel, de transformar, de modificar e fazer compreender essa diversidade de propostas e mudanças em um mundo globalizado.

Milton Santos (1988), afirma que, o ser humano com o sentimento de ser patrão da Natureza, utiliza-se do saber científico e das invenções tecnológicas sem aquele senso de medida que caracterizará as suas primeiras relações com o entorno natural. Dessa forma fica claro que o ser humano precisa repensar seu papel com relação à natureza.

A globalização perversa como define Milton Santos (2008), promove a desigualdade social e conseqüentemente o uso indiscriminado dos recursos naturais, por sua vez, a educação nesse contexto que se delineia não pode ser encarada apenas como reprodutora de conhecimento, deve ser uma educação crítica que promova a transformação deste cenário aqui descrito. Com as transformações sociais, culturais, políticas, econômicas e tecnológicas que a escola por vezes não acompanha, surge a falta de relação com a realidade o que contribui para a não aprendizagem, sendo esse o cenário em que a Educação Ambiental vem se apresentar e propor um novo pensar e fazer da educação.

Essa EA é definida assim:

EA é um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornem aptos a agir e resolver problemas ambientais, presentes e futuros. (DIAS, 2004, p.524)

A EA surge com princípios renovadores, pretendendo criar condições de mudanças comportamentais ou atitudinais, e de valores na relação da sociedade com o meio, buscando bases sólidas para uma nova ética, em que o princípio da conservação ambiental é condição prioritária à sobrevivência humana.

A Educação Ambiental é um desafio para este novo milênio, pois fazer o ser humano compreender-se como 'planeta', para que ele o respeite e o compreenda, é necessário e urgente. Dessa forma, a EA deve ser encarada como um processo contínuo de formação para crianças, jovens e adultos.

A Educação Ambiental, como perspectiva educativa, pode estar presente em todas as disciplinas, quando analisa temas que permitem enfocar as relações entre a humanidade e o meio natural, e as relações sociais, sem deixar de lado as suas especificidades. (REIGOTA, 2006, p.25).

Sobre isso complementa Cascino (1998), diz que é necessário esclarecer que a educação ambiental não contém uma especificidade, isolada, desconectada ou fragmentada; ela só existe na estreita relação da produção de um fazer educação mais ampla com processos de transformação de toda a educação.

A EA é um processo de educação formador e contínuo, seria um processo construtivista de educação, em que o pensamento é uma visão renovada de mundo; que traz uma capacidade do ser humano fazer uma leitura da realidade sob uma ótica renovadora, em que ele se torna um agente transformador, o ator protagonista deste contexto.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO SUPERIOR

A EA foi instituída, nos diversos níveis de ensino no Brasil pela Constituição Federal de 1988, assim, criaram-se programas governamentais e não-governamentais de capacitação de educadores. Nas universidades públicas do país o tema vem sendo inserido em cursos de graduação e pós-graduação, inclusive em cursos de extensão. A EA se apresenta como a chave para a sustentabilidade, ou seja, o equilíbrio entre o ser social e o meio ambiente.

Durante o IV Fórum de Educação Ambiental em 1997, na cidade de Guarapari-ES, o papel das universidades foi muito debatido durante o IV Fórum de Educação Ambiental em 1997, na cidade de Guarapari - ES, porém desde 1986 nos encontros nacionais, a EA no ensino superior vem sendo discutida, e reforça a sua importância no ensino, pesquisa e extensão das universidades. Anteriormente em 1996, a COEA/MEC- Ministério da Educação e Cultura, promoveu três cursos de Capacitação de Multiplicadores em Educação Ambiental, a partir do Acordo BRASIL/UNESCO, a fim de preparar técnicos das Secretarias Estaduais da Educação, Delegacias Regionais da Educação do MEC e algumas Universidades Federais, para atuarem no processo de inserção da EA no currículo escolar

Por se constituir como um dos marcos nas decisões das políticas públicas a Educação Ambiental (EA) tornou-se fundamental para fomentar a percepção do homem como agente produtor do espaço em que vive, possibilitando através da informação uma conscientização, levando o indivíduo a uma maior participação nas decisões políticas, sociais e econômicas. A educação ambiental é para a atual Constituição Brasileira no Artigo 225, parágrafo 1º, inciso VI um instrumento de conscientização pública para a preservação do meio ambiente. A Lei

9.795/99 institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), responsabilizando todos os setores da sociedade e incorporando oficialmente a Educação Ambiental nos diversos níveis de ensino. O Artigo 3º, inciso II dispõe que: “cabe às instituições educativas promover a educação ambiental, de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem”.

A Educação Ambiental (EA) é uma necessidade urgente para as novas gerações poderem compreender como a realidade do planeta necessita de novos valores, e novas posturas. As discussões ambientais não são recentes, mas ainda não se vê a EA tão propagada como deveria.

A educação ambiental não é algo assim tão novo. Ela efetivou-se como uma preocupação no âmbito da educação há mais ou menos duas décadas. A emergência da crise ambiental como uma preocupação específica da educação foi precedida de uma certa ‘ecologização das sociedades’. (GRUN, 2000, p.15)

As universidades por sua vez necessitam atender a essa demanda antiga das sociedades e dar conta das discussões ambientais promovendo a reflexão sobre a EA em seus campi no ensino, pesquisa e extensão. Nas universidades se tem outra situação importante que é a formação de professores, que serão eles que nas escolas promoverão a EA, portanto é necessário que as mesmas estejam adotando a EA em seus currículos para formação de novos educandos com uma consciência crítica apurada.

Portanto, a universidade necessita repensar seu papel ante as novas demandas, frente à integração da EA nos currículos de graduação. As universidades, assim como todas as instituições de ensino superior, devem assumir o papel de responsabilidade na formação de novas gerações para um futuro viável, através do ensino, da pesquisa e extensão.

Pedrini (2002) faz um questionamento de suma importância, como esse processo de transformação social deve acontecer nas universidades através da EA, se a mesma ainda luta com muita dificuldade para se fazer presente nos diversos currículos de graduação. E prossegue dizendo que:

Em diversas palestras por nós proferidas, ao falar em Educação Ambiental experimentamos a sensação de estranheza por parte do público acadêmico (docentes e discentes) que pensa ser este tema: Educação Ambiental, específico para os cursos de Ecologia, Direito Ambiental, Biologia ... (PEDRINI, 2002, p.205)

Para isso, a universidade deve repensar o seu papel frente a essa integração, que possibilita uma visão socioambiental, abandonando a resistência e o pensamento analítico-racionalista.

As universidades, assim como todas as Instituições de ensino superior, assumem um papel de responsabilidade na formação de novas gerações para um futuro viável, através do ensino, da pesquisa e extensão. Dias (2004: 214) aponta que a EA não é neutra, e sim ideológica, é uma ação política para transformação social.

Dias (2004) ainda reafirma que “o papel da Educação Ambiental, nesse contexto, torna-se mais urgente. Precisamos oferecer mais formação. A educação ainda ‘treina’ a (o) estudante para ignorar as conseqüências ecológicas dos seus atos.” A formação em EA cada vez mais se torna necessária, pois para se garantir a transformação social almejada por todos, só se conseguirá com seres humanos capazes de atuar de forma assertiva promovendo uma relação social e ambiental sustentável.

Assim, a Universidade deverá promover a EA num processo de construção e formação do saber, unindo a teoria e prática, com vistas a cumprir com seu papel dentro e fora da comunidade universitária de forma interdisciplinar, ética e solidária.

Após o encontro de Guarapari –ES, em 1997, se esperou que as universidades começassem a inserir a Educação Ambiental, em seu contexto, mas desde então pouco tem se visto com relação a EA no ensino superior. As ações ainda são pontuais, focais e por vezes desconexas, em que por modismos recebem o rótulo de Educação Ambiental, mas são práticas acríticas e apolíticas, por vezes confundidas com o ensino de ecologia, ou por discussões estéreis que não revelam o potencial transformador da EA.

Sobre o que se espera da Universidade com relação à EA, tem se:

[...] não se espera da universidade a introdução nos currículos de uma nova disciplina com conteúdos e metodologias de educação ambiental. Isso feriria os princípios dessa educação, mas a criação de um espaço que discuta o campo e a finalidade da educação ambiental. (ARAÚJO, 2004, p.74)

Ainda sobre a discussão, “A Educação Ambiental (EA) é obviamente marginal na maior parte das Universidades e, normalmente, quando ganha centralidade é por razões estranhas às finalidades críticas e emancipatórias.” (JUNIOR, 2004, p.116). Ou seja, muitas vezes a EA, é também utilizada para se vender idéias, em universidades é comum verem práticas rotuladas como EA, mas que não passam de projetos de pesquisa ou extensão que tem finalidades outras, que não são a de formação ou pesquisa no campo da EA.

Sendo assim, a Educação Ambiental é um desafio do novo milênio, pois fazer o ser humano compreender-se como parte do planeta, para que ele o respeite, é necessário e

urgente, para isso a EA deve ser encarada como um processo contínuo de formação para crianças, jovens e adultos.

O conceito de educação não pode ser equivocado; a partir do momento que se entender que educação não é apenas a reprodução do conhecimento, e que o cidadão necessita ser educado para atuar de forma direta na sociedade como protagonista, este cidadão conhecerá seus direitos, resgatará valores políticos e éticos, se reconhecendo natureza e compreendendo como atuar em seus espaços de vivência.

Para isso, as universidades precisam desempenhar seu papel de promover uma educação da transformação social, em que cidadãos saiam como multiplicadores da Educação Ambiental.

A PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Falar de pesquisa em EA é também falar em formação, visto que as universidades quem produzem pesquisa, conhecimento científico, e por sua vez necessita que a pesquisa em EA, esteja coadunada com a produção do saber científico na formação de seres humanos.

Pensar sobre as tendências epistemológicas na Educação Ambiental no Brasil, se tem um grande desafio pela frente, primeiro porque a EA ainda é recente em pesquisas e produções dentro dos programas de pós-graduação, somente na década de 90 que vai se ter um salto quantitativo e qualitativo nessas produções.

Ao refletirmos sobre as tendências na Educação Ambiental (EA) brasileira, percebemos o grande desafio que isso representa. Até pouco tempo atrás, as ações em EA eram marcadas pela inexistência de um referencial teórico adequado, pois a maioria das publicações era traduções estrangeiras, além da ausência de um quadro de profissionais com qualificação que contribuísse para este debate. Na década de 90, entretanto, fomos testemunhas de uma revolução em termos científicos, com surgimento de diversas publicações relacionadas à temática ambiental e a formação de um pessoal com titulação acadêmica, seja em lato ou em stricto sensu, com diversos cursos de especialização, mestrados e alguns doutorados na área de EA. (SATO, 2003, p.02)

A pesquisa em EA na década de 70 no Brasil foi inexistente, somente a partir da década de 80 que vai ter os primeiros estudos, ainda numa ótica conservacionista – preservacionista, dentro dos paradigmas positivistas, a partir dos estudos na década de 90, os estudos na Educação Ambiental deixam de ser produzidos por Ciências Naturais, e vai ter

produção a na Ciências Humanas, sendo mais relevante os estudos em Educação do que nas questões ambientais.

A EA é considerada uma perspectiva de educação que enfatiza durante o processo educativo a relação sujeito-meio ambiente/sociedade-natureza, sua definição abrange a compreensão da relação educação, sociedade e meio ambiente. É reconhecida nacional e internacionalmente, com implementação em diversos setores da sociedade. Dessa forma, torna-se necessário que pesquisas sejam realizadas para compreender as maneiras de atuação existentes e para fomentar ações que contribuam para melhora da qualidade da educação e da relação sociedade-natureza, sobretudo no Brasil.(SOUZA E SALVI, 2009, p. 02)

As pesquisas em Educação Ambiental, que em um primeiro momento teve influencia da Biologia, na década de 90 terá influencias da Sociologia, Filosofia e Geografia, em que o ser social vai ser levado em conta. A corrente sócio-ambiental, irá produzir diversos trabalhos, em que as questões sociais serão relevantes. A partir da influencia dessas ciências na EA, as pesquisas ganharão novas metodologias e métodos.

Do “conservacionismo extremo” à compreensão mais ampla, a EA deu um salto quanti e qualitativo no cenário nacional. Embora a maioria ainda compreenda que “ambiente” seja sinônimo de “natureza”, esta visão tem sido modificada ao longo dos anos, dando lugar à uma percepção mais crítica, com elementos culturais e naturais, conferindo uma preocupação social adequada na dimensão ambiental. Para reforçar este paradigma, algumas pessoas usam o termo “sócio-ambiental”. Assumindo a condição social do ambiente, utilizam-se deste pleonismo na tentativa de retirar o “mito moderno da natureza intocada” (Diegues, 1996 apud. SATO, 2003, p.04)

Continuando Sato (2003), explana sobre as epistemologias e concepções na EA,

[...] Assim, a EA exige um debate sobre suas bases de sustentação, obviamente, com aberturas epistemológicas que confirmem seu alto poder de diversidade e interfaces que a sua própria natureza requer. Pensando isso, acreditamos que discutir os caminhos da pesquisa talvez seja uma forma interessante corroborar com a (re)construção da EA. Consideramos que esta foi uma das mais importantes trilhas, que conduziram ao atual pensamento da EA, em constante movimento dinâmico. E por isso mesmo, reconhecemos os avanços e os recuos deste movimento, ora em círculo fechado, ora aberto, possibilitando enveredar por caminhos desconhecidos, descobrindo, assim, novas formas do pensar e do agir, inseridos em contextos plurais, onde a diversidade possibilita e garante a riqueza da descoberta da própria EA. (SATO, 2003, p.04)

A pesquisa em EA, assim como a pesquisa em Educação, teve influencias das diversas correntes do pensamento epistemológico. O positivismo, a fenomenologia e a

dialética, não somente nos estudos produzidos, mas nas ações (práticas) em Educação Ambiental, essas influências ficam visíveis também.

Ainda sobre a discussão vigente, Santos e Molon, (2009, p. 13/14) afirmam que “[...] numa possibilidade expressa de apresentar algumas afirmações e entendimento sobre a capacidade e desdobramento presente na pesquisa em Educação Ambiental, acreditando na abordagem sócio-histórica como caminho possível e coerente para a significação e relevância científica dessa dimensão educacional.”

Dessa forma, a pesquisa em EA traz consigo diversas possibilidades e responsabilidades, no que tange a produção do conhecimento científico, em que a sociedade deve ser analisada e investigada dentro de um processo crítico e político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação em EA ainda é pontual e desconexa, a EA no ensino superior não tem destaque, é marginalizada, quando ela aparece no centro das discussões ainda é de forma apolítica, desconexa e acrítica, ou por vezes ainda com interesses políticos ou interesses diversos que não seja o de formação ou de pesquisa em Educação Ambiental.

A formação de profissionais capazes de conhecer e compreender seu poder de atuação e transformação social, a medida que interage com o espaço que habitam, é urgente visto que cada vez mais os processos de afirmação da sociedade capitalista reafirmam da exclusão e desigualdade social e a depredação do meio ambiente.

Na década de 90 tem-se a chegada da Educação Ambiental, nas universidades, e dessa forma a pesquisa em Educação Ambiental, sofrendo influências das Ciências Naturais como a Biologia, em um primeiro momento refletirá estudos mais quantitativos, até que a Educação assume a EA, quanto possível campo de pesquisa e dessa forma, a vertente sócio-ambiental dentro da EA, irá promover diversos trabalhos nos diversos cursos de graduação pelo Brasil.

Para tanto não se pode desconsiderar as necessidades sociais do período analisado, e observar que a EA a partir da década de 90 terá uma nova coordenação de suas atividades e a partir daí a Educação norteará todas as pesquisas em EA, sendo assim os paradigmas apresentados pela Educação serão os mesmo para a EA.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Inêz de Oliveira. A Universidade e a formação de professores para a Educação Ambiental, In: **Revista brasileira de Educação Ambiental/ Rede Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília: REBEA, nº 0, 2004.

CASCINO, F. **Educação Ambiental, Princípio, História, Formação de Professores**. São Paulo: SENAC, 1998.

DIAS, Genebaldo F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 2004

GRUN, Mauro. **Ética e educação ambiental: A conexão necessária**. Campinas, SP: Papirus, 1996

FERRARO, Luiz Antonio. A universidade e a formação do educador ambiental: Uma breve reflexão sobre as experiências da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, In: **Revista brasileira de Educação Ambiental/ Rede Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília: REBEA, nº 1, 2004.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão (org.) **O Contrato Social da Ciência: Unindo saberes da educação ambiental**. Petrópolis- Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2002.

REIGOTA, Marcos, **O que é educação ambiental**. (Coleção primeiros passos; 292). São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2008.

SANTOS, Felipe Alonso dos e MOLON, Susana Inês. **Pesquisa em Educação Ambiental: possibilidades e compromissos na formação do pesquisador-educador ambiental**. In: http://www.ceamecim.furg.br/vii_pesquisa/trabalhos/187.doc, acessado em 30 de agosto de 2009.

SATO, Michèle; SANTOS, José Eduardo. Tendências nas pesquisas em educação ambiental. In NOAL, F.; BARCELOS, V. (Orgs.) **Educação ambiental e cidadania: cenários brasileiros**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 253-283.

SOUZA, Daniele Cristina e SAVI, Rosana Figueiredo. **A Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil (2003- 2007) das pós -graduações stricto sensu** – O contexto de uma investigação sobre formação de professores. In: <http://www.foco.fae.ufmg.br/conferencia/index.php/enpec/viiienpec/paper/view/443/9>, acessado em 30 de agosto de 2009.